ISSN: 2358-8829

O FEIO COMO ARTE: A ESTÉTICA DA DECOMPOSIÇÃO

Kaylane Fernanda Araújo de Sousa[1]

RESUMO

A poética do feio é uma vertente estética que rompe com a idealização do belo, explorando a degradação, a putrefação e o grotesco como elementos centrais da expressão artística. Presente em diversas tradições literárias, essa estética pode ser observada em *As Flores do Mal* (1857), de Charles Baudelaire e *Os Cantos de Maldoror* (1869), de Lautréamont, autores que transformaram o macabro, a morbidez e a angústia em fundamentos poéticos. No Brasil, Augusto dos Anjos radicalizou essa tradição ao incorporar a linguagem científica e filosófica em *Eu* (1912), sua única coletânea.

Assim, a presente pesquisa tem como objetivo analisar a construção da poética do feio em *Eu*, de Augusto dos Anjos, destacando suas aproximações e diferenças com a tradição grotesca ocidental, bem como refletir sobre as possibilidades de abordagem dessa estética no ensino de literatura. O estudo compara o uso da linguagem científica e fisiológica em Augusto dos Anjos com o tom decadente de Baudelaire e a brutalidade grotesca de Lautréamont.

A metodologia adotada é qualitativa, bibliográfica e comparativa, fundamentada em teóricos como Eco (2007), Kayser (1957), Bosi (2021) e Hugo (1827). Os resultados indicam que o grotesco e a decomposição na poesia se tornam pontos de interrogação sobre a própria natureza da vida e da morte, criando uma estética que ultrapassa a simples representação do feio. Nesse sentido, tais elementos podem contribuir para práticas de ensino que estimulem a leitura crítica, a problematização de padrões estéticos e a ampliação das interpretações literárias em sala de aula.

Palavras-chave: Poética do feio; Grotesco; Literatura; Ensino de literatura; Estética.

[1] Graduada pelo Curso de Letras- Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (CHSNB): kaylanequirino10103@gmail.com